

Fotografias e as muitas faces do poder: possibilidades da mídia fotográfica no ensino/ aprendizagem da “revolução de 1930”

Tiago de Oliveira Bruinelli¹

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo discutir potencialidades das mídias fotográficas no ensino e na aprendizagem de História, selecionando para tal, fotografias que possibilitam questionar aspectos da participação de diferentes representações do poder, incluindo a de setores da Igreja Católica Romana na transição política de 1930. Os poderes políticos em oposição durante a “Revolução de 1930” apresentavam diferentes relações com setores da Igreja Católica Romana. O governo que tomou espaço em 1930 foi fortemente marcado por uma centralização política corporativista que tinha na Igreja Católica Romana um de seus principais pilares. Este poder, além do suporte religioso, também construiu uma auto-imagem baseada em elementos específicos, e, sobretudo, na figura de um líder forte e carismático. O uso da fotografia pode acrescentar ao que já foi pesquisado, novos ângulos, leituras e perspectivas e/ou também corroborar evidências históricas já constatadas. Utiliza-se de autores que propõem o uso da fotografia como mais uma ferramenta possível para o ensino e a aprendizagem de História, como Erwin Panofsky, Peter Burke, Boris Kossoy, Phillipe Dubois, Joan Fontcuberta, Vilém Flusser, entre outros.

Palavras-Chave: Fotografia – História – Ensino/Aprendizagem

Abstract

This study has as main objective to discuss the potential of photographic media in teaching and learning history, selecting for such photographs to question aspects that enable the participation of different representations of power, including the sectors of the Roman Catholic Church in political transition in 1930. The political powers in opposition during the “1930 Revolution” had relations with different sectors of the Roman Catholic Church. The government that took place in 1930 was marked by a centralized corporatist policy that was in the Roman Catholic Church one of its main pillars. This power, in addition to religious background, also built a self-image based on specific elements, and especially the figure of a strong and charismatic leader. The use of photography can add to what has already been researched, new angles, perspectives and readings and / or also corroborate historical evidence already found. It is used by authors who propose the use of photography as another possible tool for teaching and learning of history, as Erwin Panofsky, Peter Burke, Boris Kossoy, Philippe Dubois, Joan Fontcuberta, Flusser, among others.

Keywords: Photography - History - Teaching / Learning

Nos últimos tempos, muitos pesquisadores ampliaram seu leque de fontes documentais, incluindo a fotografia como um desses documentos; e aliada a uma nova forma crítica de ler o documento escrito, foi cada vez mais adotada pelos estudos históricos, o uso e a interpretação da imagem. Fotografias podem ser ricas em potencialidades, mas seu lugar na historiografia atual, conforme várias opiniões, não é ainda assegurado.²

Fotografias podem nos aproximar dos imaginários mentais e culturais, bem

como das sensibilidades de outras épocas. Elas, as fotografias, também participam da construção da memória das sociedades, ilustrando fatos históricos ao mesmo tempo em que enriquecem o estudo e o aprofundamento sobre os mesmos. Mas para Vilém Flusser (1985), eventos e fatos não são totalmente imortalizados em uma fotografia, apenas parcelas dele. Dessa feita, é importante ter em mente que ao se produzir uma fotografia, também se produz uma forma de representação, uma auto-imagem de um grupo, de uma personalidade, etc.

Sendo assim, as fotografias aqui selecionadas também contam parcelas de uma realidade. São também uma forma de discurso. As fotografias (Imagens 1, 2 e 3) foram publicadas pela Revista do Globo Especial – Revolução de Outubro de 1930, em edição de 1931, e representam um diálogo entre dois poderes: o religioso (representado pelo Cardeal do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme) e o civil (apoio na saída de um governo e apoio ao governo que se estabelece a partir de 1930), e de certa forma, representam também uma espécie de legitimação de um pelo outro. Sobre as outras fotografias (Imagens 4 e 6), é possível identificar vários elementos de construção identitária de um novo poder que estava chegando em 1930.

Esse novo poder – mais tarde centralizado quase que totalmente na figura de Getúlio Vargas – buscará apoio em setores da Igreja Católica Romana com o objetivo de alicerçar a autoridade. A proposta de uma administração corporativista, mais tarde levada ao extremo por Getúlio Vargas, pensava uma “terceira via” entre o capitalismo – criticado por sua exploração ao trabalhador e pela geração de desigualdade social – e o socialismo – criticado por impôr uma falsa igualdade social, alicerçada na negação de valores morais e religiosos de cada país (D’ARAÚJO, 2011).

Vale lembrar que as décadas de 1920 e 1930 faziam parte de um contexto onde a influência da religião católica romana era bastante significativa. Em 1932, por exemplo, com o objetivo de articular-se com o mundo da política, grupos católicos criam a Liga Eleitoral Católica (LEC); uma estratégia em nome da “segurança da comunidade católica” e freqüentemente lembrava, nas páginas da revista A Ordem, as virtudes da concessão e do compromisso àqueles que se opunham a Getúlio Vargas e pretendiam formar um partido católico de oposição.

Não é de causar admiração o fato de que os revolucionários de 1930 alinharam-se estreitamente com os católicos, como veremos a seguir, para afastar, combater e negar qualquer influência comunista, uma força antagônica da Igreja Católica Romana que também cresceu e se fortaleceu na passagem das décadas de 1920 para 1930. O estreitamento de relações entre os “revolucionários” de 1930 e setores da Igreja Católica Romana pode ser pensado através do que os próprios “revolucionários” acreditavam ser o corporativismo, encadado por eles, de maneira

geral, como um resgate da ideia das corporações de ofício da Idade Média, “período entendido por essa doutrina como exemplar em termos de conciliar hierarquia social, religião e ordem estabelecida” (D’ARAÚJO, 2011, p. 218).

As fotografias, não importando a época em que foram produzidas, carregam em si, signos, que são uma forma de manifestação de cultura. Boris Kossoy (1999) já chegou a dizer que uma fotografia apresenta no mínimo duas realidades, realidade interior e realidade exterior. A primeira seria o evento em si, o que está retratado, não importa de que forma seja. A exterior carrega referências sobre o passado inacessível. Contudo, essas “realidades” são leituras que se pode fazer em determinados momentos.

As imagens têm – e a fotografia não foge a essa regra – a capacidade de modificar nossa visão de mundo, pois trazem em si, um “reality effect” (BARTHES, 1986, p. 145). Essas imagens ora nos fazem sentir como protagonistas da cena, ora como meros espectadores. Para Susan Sontag (2004) a noção básica é a de que participemos do instante em que a imagem foi fotografada; vivenciemos aquela realidade, e nos posicionemos – a favor, contra, e talvez dificilmente neutros - em relação a ela (SONTAG, 2004, p. 172).

Uma fotografia não deve ser pensada apenas como o resultado de uma técnica, de uma ação, ou mesmo da simples união desses dois elementos. Antes de qualquer coisa, é importante pensar a fotografia como um ato. Esse ato de produzir, é claro, não está limitado ao uso de uma técnica específica, mas inclui também, “o ato de sua recepção e de sua contemplação” (DUBOIS, 1993, p. 15).

Quem tira uma fotografia, escolhe determinado ângulo de visão, e determinada distância em relação ao objeto fotografado. Na busca por elementos, até o ângulo fotográfico pode nos revelar muito sobre a intenção de quem fotografa. Uma fotografia pode se prestar a ao que Fontcuberta (2002, p. 21) chama de “leitura tripla”; que fala do objeto em si, do sujeito e do próprio meio.

Boris Kossoy (1999) alerta ainda para o fato de que um grande número de fotografias passa por um processo de “pós-produção”, ou seja, adaptação para ser incorporada, digamos, em uma revista. Essa fotografia pode sofrer alterações quanto à sua cor, ao seu tamanho, e sofrer “cortes” que mostrem apenas determinado assunto, seguindo interesses dos mais variados, nesse caso, do editor. Muitas vezes, a mesma fotografia é utilizada para servir de exemplo a uma situação completamente antagônica àquela que servia inicialmente.

Pode ter sido o caso de alguma das fotografias aqui comentadas. Reunidas e publicadas em um periódico de destaque na ocasião, acompanhavam os textos e corroboravam seu conteúdo, mas talvez não foram clicadas tendo esses discursos como parâmetro.

Peter Burke (2004) nos diz que é necessária a contextualização, que para o caso das fotografias nem sempre se mostra uma tarefa fácil. Os motivos são os mais variados, pois a identidade dos fotografados, e mesmo de muitos fotógrafos é, em grande número de vezes, desconhecida.

Levando em consideração as várias propostas e abordagens sobre os usos da fotografia para a História, selecionamos algumas perguntas consideradas relevantes; e a partir das possíveis respostas, partimos para uma análise mais aprofundada. Não retomaremos o histórico de todas essas abordagens, mas traçando um paralelo rápido entre alguns autores, a saber, Erwin Panofsky, Eduardo França Paiva e Peter Burke. Selecionamos esses por acreditarmos que as perguntas que eles propõem a uma imagem são as que abrangem uma análise mais aprofundada. Essas perguntas englobariam as análises, iconográfica e iconológica de uma imagem. As perguntas seriam: **O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê e Para Quem? Tema e Contextualização histórica.**

Em linhas gerais, representantes do clero de diversos estados brasileiros participaram da chamada "revolução" de 1930. Um dos mais destacados membros foi o cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme. A pedido do cardeal, o presidente Washington Luís, deposto em 1930 (visto por alguns como "revolução"), saiu do Palácio do Catete sem oferecer maior resistência.



O quê? Fotografia em preto e branco, que mostra o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme no Palácio da Guanabara.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? De acordo com a legenda, a fotografia foi tirada em frente ao Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Quando? O presidente Washington Luís foi deposto no dia 24 de Outubro. Como documentação de época comprova que D. Sebastião Leme estava presente, e segundo consta, foi de vital importância no sentido de convencer Washington

Luís a deixar o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. O presidente deposto foi enviado como prisioneiro ao Forte Guanabara. Como em 21 de Novembro de 1930 ele foi embarcou para um longo exílio na Suíça, em Portugal, e nos Estados Unidos, acreditamos que a fotografia foi tirada (sem data precisa) entre os dias 24 de Outubro e 21 de Novembro de 1930.

Por quê? Pelo enquadramento da foto, pelo cuidado com a disposição das pessoas, acreditamos que se trata de uma foto de caráter mais “oficial”, com o objetivo de retratar a importância da figura de D. Sebastião Leme na transição governamental. Seria aproximadamente como a figura do cardeal representar a aceitação por parte da Igreja Católica ao novo governo, que por diversas vezes, quis afastar sua auto-imagem de qualquer identificação com o comunismo.

Tema: D. Sebastião Leme vestido com seus paramentos religiosos, ladeado (lado esquerdo de quem olha) por Washington Luís, e por membros da Brigada Militar do Estado.

Contextualização histórica: Durante a década de 1920, a importância da religião católica romana no Brasil era muito significativa, sendo o Brasil o maior país católico do mundo (o que de fato ainda é). Contudo, a mesma década de 1920 também passava por um processo de crescente urbanização e secularização da cultura. Aliado a esses elementos, a fundação do Partido Comunista do Brasil enfraqueceu ainda mais a influência tradicional do catolicismo. Até mesmo diretrizes educacionais sofreram mudanças, pois agora se pensava que o ensino deveria ser leigo; sem a influência e a orientação religiosa que tinham marcado os processos educacionais até então.

Para fazer frente a tais mudanças, o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme liderou um movimento destinado a defender os ideais cristãos na vida política nacional. Foi com esse intuito que foram criados a revista *A Ordem* (1921) e o Centro Dom Vital (1922), sob a direção de Jackson de Figueiredo. Foi somente no final da década de 1920, quando Alceu Amoroso Lima assumiu a direção do Centro Dom Vital e de *A Ordem*, que a Igreja conseguiu se tornar uma força político-social expressiva.

Na fotografia anterior, vemos ao centro, o cardeal D. Sebastião Leme, vestido com seus paramentos religiosos. À sua direita (esquerda de quem olha a imagem) podemos ver, usando terno escuro e chapéu claro, o presidente deposto, Washington Luís. O cardeal havia saído com ele do Palácio da Guanabara, e se dirigiria para o Forte de Copacabana, onde Washington Luís ficaria preso.

À esquerda do cardeal (direita de quem olha a imagem), podemos ver três figuras trajando uniformes militares, cujas identidades, infelizmente desconhecemos. Contudo, pode-se perceber que essas pessoas trajam uniformes da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e, portanto, são os “vencedores” do golpe. Uma delas, inclusive, está segurando um fuzil na mão, o que poderia indicar o caráter violento do movimento. Há sutis diferenças nas fardas, o que indica também a hierarquia dos cargos militares dessas pessoas. A que está segurando a arma, usa um capacete de soldado, enquanto as outras duas usam quepes, que indicam pertencerem a uma patente de maior relevância na Brigada Militar.

Muitos elementos da fotografia “falam” por si próprios. Contudo, certas nuances talvez tenham sido utilizadas no momento de immortalizar essa imagem. O que mais uma vez, vem reforçar o argumento de que uma fotografia não é, nem de longe, uma fonte documental “imparcial”, e que seu processo de produção está carregado de significado.

No enquadramento central, em primeiro plano, está D. Sebastião Leme, ladeado por Washington Luís, e também por membros do “novo” governo. Essa posição poderia indicar a sua importância nas conversações com o presidente deposto. Poderia indicar também um servilismo a quem estiver no poder, não importa quem seja? Poderia indicar também um “jogo duplo” por parte do cardeal, uma vez que muitos membros da Igreja – tanto católica quanto protestante – participaram da “revolução” de 1930?

Além disso, pode-se perceber também, que todas as outras pessoas que estão nessa foto, do lado em que está o então ex-presidente Washington Luís, estão trajando terno. Esse elemento, por si só, pode não nos dizer nada de mais, pois o terno era uma convenção social na década de 1930. Do lado em que estão os membros da Brigada Militar, nenhuma pessoa está trajada da mesma forma.

Vemos além dos militares, um homem da etnia negra, vestido com roupas que nos parecem desalinhadas – vestidas às pressas para a fotografia, talvez? E à extrema direita de quem olha, vemos uma criança. Parece-nos que há aqui uma clara dicotomia. Teria sido essa a intenção do fotógrafo? Separar os “poderosos” de um lado, associando-os ao poder que havia sido derrubado?

É através de interpretações – sejam elas de fontes escritas ou imagéticas – que necessariamente lançamos nossa visão dos acontecimentos históricos, sejam eles passados ou presentes. É através dessas impressões que criamos noções de real sobre algum evento, e também é possível deixar – implícita ou explicitamente – um posicionamento sobre esse mesmo evento.



O quê? Fotografia em preto em branco, onde aparece o Cardeal D. Sebastião Leme, ladeado por membros do novo governo "vitorioso" com a "revolução" de 1930.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? Presumivelmente, como nos indica a legenda da fotografia disponível na Revista do Globo Especial, de 1931, ela foi tirada na escadaria do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Quando? Na fotografia, além de D. Sebastião Leme, aparecem membros da Junta Governativa (como por exemplo, Tasso Fragoso, à direita do cardeal, esquerda de quem olha a imagem), que entregam mais tarde o poder a Getúlio Vargas. A deposição do presidente Washington Luís se deu no dia 24 de Outubro, e a entrega do poder pela Junta Governativa foi em 02 de Novembro; portanto acredita-se que a fotografia foi tirada entre essas duas datas.

Por quê? Por contar também com elementos que lembrem uma fotografia "oficial", pode ter sido de apenas ilustrar o momento e a nova orientação política daquele momento. Contudo, a presença do cardeal, que diretamente não fazia parte do governo, dá um tom de aceitação por parte da Igreja Católica Romana sobre o novo governo.

Tema: Na fotografia aparecem o Cardeal D. Sebastião Leme, e membros da Junta Governativa, como Mena Barreto, Tasso Fragoso e o Almirante Isaías, que entregaria o poder a Getúlio Vargas.

Contextualização histórica: Em 31 de outubro, precedido por três mil soldados gaúchos, Vargas desembarcou no Rio, de uniforme militar e com grande chapéu gaúcho, sendo recebido com uma manifestação apoteótica de apoio. Finalmente, em 3 de Novembro de 1930, Vargas tomou posse como chefe do Governo Provisório.

O primeiro ministério do Governo Provisório mostrava a heterogeneidade do grupo que apoiou a "revolução" e refletia os compromissos dos revolucionários. Foram mantidos os três ministros nomeados pela junta militar em 24 de outubro, a saber: Leite de Castro (Guerra), Isaías de Noronha (Marinha) e Afrânio de Melo Franco (Relações Exteriores). Osvaldo Aranha, o principal articulador da "revolução", ficou com o Ministério da Justiça; Juarez Távora foi escolhido, como representante dos "tenentes", para a pasta da Viação e Obras Públicas; José Maria Whitaker, banqueiro paulista do café, ligado ao PD, ficou com o Ministério da Fazenda; Assis Brasil, líder do PL gaúcho, assumiu o Ministério da Agricultura. Para os dois novos ministérios criados logo após a vitória da "revolução", o da Educação e Saúde Pública e o do Trabalho, Indústria e Comércio, foram respectivamente nomeados o mineiro Francisco Campos e o gaúcho Lindolfo Collor.

O Governo Provisório foi reconhecido logo na primeira semana pelas principais potências estrangeiras e a vitória da "revolução" completou-se com o exílio de Washington Luís, de Júlio Prestes e de outras personalidades ligadas à situação deposta.

Na fotografia anterior, vemos novamente a figura do cardeal D. Sebastião Leme, dessa vez em fotografia tirada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. À direita do cardeal (esquerda de quem olha a imagem) está o general Tasso Fragoso e do seu lado, outro religioso – cuja identidade não se descobriu – e no seu lado posto, o general Mena Barreto, e o almirante Isaías.

Note-se que nessa fotografia, o cardeal já não parece ter a mesma "função" de mediador entre o antigo governo e o novo governo, uma vez que ele está ladeado por Tasso Fragoso e Mena Barreto, membros da Junta Governativa Provisória, que cederia o poder à Getúlio Vargas em poucos dias.



O quê? Fotografia em preto e branco, onde aparece o já empossado Getúlio Vargas, conversando com D. Sebastião Leme.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? Possivelmente no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Quando? Não é possível dar uma data precisa de quando a foto foi tirada. Ao que tudo indica, a fotografia foi tirada logo após a posse de Getúlio Vargas, portanto, depois dos dias 02 ou 03 de Novembro de 1930.

Por quê? O Brasil era naquele momento, o maior país católico do mundo. O Partido Comunista havia sido fundado em 1922, e tinha-se presenciado na Rússia o fortalecimento do comunismo; tudo nos indica, por essa fotografia, que houve grande preocupação em legitimar também "religiosamente" o movimento de outubro. Mais do que apenas figurar em fotografias juntamente com Getúlio Vargas – o novo presidente – membros do clero, sobretudo gaúcho, tiveram outras preocupações em mente. Os poderes, religioso e civil andaram de mãos dadas.

Tema: Getúlio Vargas e D. Sebastião Leme conversam em um dos aposentos do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Presume-se que depois da posse, o cardeal tenha feito visita solene ao novo presidente.

Contextualização histórica: Em março de 1930, no Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, líder do PRR, reconheceu a vitória de Júlio Prestes, dando por encerrada a campanha da oposição. No entanto, as articulações dos opositores prosseguiram vindo a resultar, no mês de outubro, na "revolução" de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Contudo, ainda em 1922, já havia outras forças opositoras ao governo instituído. O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em março de 1922 com o objetivo principal de promover no Brasil uma "revolução" proletária que substituísse a sociedade capitalista pela sociedade socialista. Em 1925, a famosa Coluna Prestes já começava a sua marcha pelo interior do Brasil.

O Movimento Operário, fortalecido por uma grande greve em São Paulo, em 1917 quando mais de 70 mil trabalhadores cruzaram os braços, relacionava-se diretamente à vitória dos comunistas na "revolução" Russa. Ao contrário dos anarquistas, que viam o Estado como um mal em si, os comunistas o viam como um espaço a ser ocupado e transformado. Essas concepções os levaram, seja na ilegalidade, seja nos breves momentos de vida legal, a buscar aliados e participar da vida parlamentar do país.

No início da década de 1930 o PCB se negou a dar apoio à "revolução" de 1930, por considerar o movimento uma simples luta entre grupos oligárquicos. Nessa época teve início, sob o estímulo da Internacional Comunista, um processo de mudanças no PCB caracterizado pela crítica à política de alianças promovida nos anos anteriores.

Assim, os "revolucionários" de 1930 fizeram grande questão de se afastar da imagem de comunistas. Primeiro, porque não se identificavam com sua orientação política, segundo, porque não recebiam de fato, apoio dos mesmos.

Nessa fotografia, o já empossado presidente por sua Junta Governativa, Getúlio Vargas, conversa com o cardeal D. Sebastião Leme. É importante lembrarmos que logo quando Luis Carlos Prestes declarou tendências esquerdistas e comunistas, outros líderes da "revolução" de 1930 dele se afastaram. Além do mais, é sabido também das tensas relações entre comunistas e muitos membros do clero católico, sobretudo gaúcho.

Uma dessas personalidades religiosas foi o arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker. Na Revista do Globo, datada de 1931, portanto contendo um discurso totalmente favorável aos vitoriosos do movimento de 1930, nos diz que D. João Becker foi, "incaçável, em sua fâina apostólica de Vigário de Cristo, queria a paz, procurando por todos os meios lícitos, armonizar a família brasileira, acalmar os ânimos" (REVISTA DO GLOBO, 1931, p. 426).

Conta-se ainda no mesmo documento, que D. João Becker tentou dissuadir Washington Luís, em uma longa e enérgica carta, a assumir uma posição mais cordial antes de eclodir, de fato, a "revolução" de 1930. A Revista do Globo nos relata que, "o potentado do Catete estava iludido, ou funjia não conhecer a situação. Julgando-se inespugnável, riu talvez, ao receber a carta de nosso préclaro Antistite" (REVISTA DO GLOBO, 1931, p. 426).

Aqui já podemos perceber uma sutil mensagem do autor do documento. Se Washington Luís tivesse dado ouvidos aos apelos da Igreja, talvez aquele derramamento de sangue não tivesse sido necessário. E é claro que sendo a Revista do Globo editada no Rio Grande do Sul, a importância de D. João Becker teria sido elevada ao máximo, tornando o discurso religioso e "gauchista". E foi justamente esse Washington Luís, alheio às orientações da Igreja que foi deposto. Haveria aí também, alguma mensagem de caráter subliminar do autor da reportagem da referida revista? Se uma fotografia é polissêmica, percebe-se pelo tom aplicado na matéria, que um documento escrito também o é, sendo possível extrair dele uma série de indagações e interpretações.



O quê? Getúlio Vargas chega ao palácio do Catete em 31 de Outubro de 1930. Nesse caso, a fotografia apresentava legenda (Imagem 4), e, portanto, considerava-se essa legenda como o "título" da referida imagem. Trata-se, além disso, de uma fotografia em preto e branco, pois se presume, foi clicada na década de 1930, quando a fotografia era apenas em preto e branco, e as coloridas que havia, eram coloridas manualmente nos estúdios pelos fotógrafos.

Quem? Nesse caso, não foi possível localizar o autor – o fotógrafo – dessa imagem. Trataremos então, como a autoria da foto é desconhecida.

Onde? Essa fotografia apresenta um dos cômodos do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, sede do poder central do país naquele período. Atualmente, desconhecemos onde pode estar a fotografia "original". A fotografia utilizada está disponível na obra *O Exército na história do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro – RJ, pela Biblioteca do Exército Editora, Salvador-BA; Odebrecht, edição de 1998, na página 113.

Quando? Como já dito, a fotografia continha uma legenda, um título. E nesse título, constava a data de 31 de Outubro de 1930. Será aceita essa data, mas não se pode ter certeza, já que muitas fotografias podem ser tiradas antes ou mesmo depois de alguns eventos, com o objetivo de recriar algum acontecimento, por diversos motivos, até pela falta de um fotógrafo na ocasião, por exemplo. Se aceita, portanto, a data dessa fotografia como sendo 31 de Outubro de 1930.

Por quê? A fotografia em questão tem os traços típicos de uma "fotografia oficial", pois nela nota-se o cuidado com o enquadramento, dando ênfase a um personagem principal – nesse caso, Getúlio Vargas – a disposição das outras pessoas e demais elementos na foto, e também um cuidado com a vestimenta.

Acreditamos que pela já documentada preocupação de Getúlio Vargas com a sua imagem pública, essa fotografia sim, destinava-se a ser mais uma propaganda,

uma maneira de sutilmente dar o tom do que ficou conhecido como “Revolução de 1930”. E aos historiadores futuros ela serviu – e serve – de muitas formas, ora para louvar, ora para criticar sua campanha e seu posicionamento político.

Tema: O tema, em primeiro plano, é Getúlio Vargas e membros de seu círculo pessoal quando chegam ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, presumivelmente em 31 de Outubro de 1930. Essa fotografia é um instante de um movimento maior que foi a “revolução” de 1930. Mostra a chegada do líder Getúlio Vargas à sede de poder no Rio de Janeiro.

Contextualização histórica: Em âmbito mundial, os anos 1920 fizeram parte dos chamados Anos Loucos, o período entre guerras mundiais; onde, entre outros acontecimentos, houve um maior uso da fotografia, maior difusão do rádio e do cinema, com o surgimento de diversos estúdios cinematográficos em Hollywood, como a Warner Brothers e a MGM. Esse período também viu o início da era Stalinista na Rússia, em 1926, e a ascensão de grandes líderes de caráter fascista, tais como Mussolini na Itália, em 1922. Houve também um incremento do poder da Igreja Católica, uma vez que em 1929, Mussolini assina o Tratado de Latrão com a Igreja, reconhecendo o Vaticano como país independente.

Contudo, ainda em 1929 deu-se o crash da Bolsa de Valores de New York, que acabou afetando uma série de países, uma vez que o capital estava bastante globalizado já naquele momento. A crise financeira que se abateu sobre o Brasil, como um dos reflexos diretos da Queda da Bolsa de 1929, fez com que o poder dos produtores de café diminuísse. Essa mudança no cenário político e econômico aumentou os descontentamentos com os rumos da política nacional; sobretudo com o resultado das eleições de 1929.

Nesse cenário, inovações tecnológicas no campo das mídias andaram de mãos dadas com a ascensão líderes de caráter fascista, que souberam aproveitar o poder de propagação ideológica de diferentes mídias de forma contundente. Um desses líderes foi Benito Mussolini, na Itália. Por sinal, bastante admirado por Getúlio Vargas. Muitos dos elementos da propaganda pessoal que Mussolini envolveu sua figura política podem ser encontrados também na promoção da imagem pessoal de Getúlio Vargas. Nesse mundo de propaganda, a imagem mostrava-se cada vez mais essencial. E no governo Vargas a propaganda teve um papel fundamental.

Logo após 1930 foram dados os primeiros passos em direção à organização da propaganda política no plano nacional, consubstanciados na criação, em 2 de julho de 1931, do Departamento Oficial de Publicidade. Este órgão, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, constituía-se numa espécie de apêndice da Agência Nacional e atuava basicamente no setor de radiodifusão. De resto, sua atividade limitava-se ao fornecimento de informações oficiais à imprensa.

Na imagem vemos uma série de pessoas, dispostas em aproximadamente três fileiras. Pelo ângulo da fotografia, pode-se ver que o fotógrafo deu grande preferência pela pessoa de Getúlio Vargas, uma vez que ele representa o ponto central do primeiro plano da fotografia.

Ao lado direito de Getúlio (lado esquerdo de quem olha a imagem), nota-se um grupo de mulheres, onde a que mais se destaca é uma mulher que usa um vestido claro, chapéu, estola, e na mão, segura um ramalhete de flores brancas. Ao lado esquerdo de Getúlio (lado direito de quem olha a imagem), vemos dois homens na primeira fileira, sendo que eles parecem segurar uma bandeira, onde se pode ler a seguinte inscrição, em 3 linhas: "24-10-930. EIS A PAZ!.. ENTRE NÓS SALVE. 31-10-930".

Do mesmo lado, o homem que veste um terno branco, segura o que parece ser um microfone de pedestal, de modelo contemporâneo à época da fotografia.

Todos os homens na fotografia estão trajando ternos, exceto o principal da fotografia, que é Getúlio Vargas. Ele usa um uniforme de caráter militar, a julgar por alguns elementos como, a série de botões na região do peito, e a cor que nos remete ao cáqui dos uniformes militares; também pelas botas de cano alto, pela cinta de fivela grande e o suporte sobre o ombro, com o objetivo de suportar o peso de um coldre, para revólver ou pistola. Na mão, ele segura um objeto que nos parece pouco nítido para surtir daí uma tentativa de identificar de fato, de que objeto se trata.

Nos planos posteriores, nota-se a presença de uma série de pessoas, que se esforçam para aparecer na fotografia, inclusive um deles, logo atrás de Getúlio Vargas, põe uma das mãos sobre o ombro dele. Em geral, as expressões faciais vão de séria solenidade a ensaios de sorrisos mais ou menos espontâneos.

No plano de fundo, pode-se perceber a presença de cortinas esfraldadas, e pelo fecho de luz situado logo atrás de Getúlio Vargas, pode-se perceber tratar-se de uma janela. Se pode observar que se trata de uma fotografia tirada no interior de um recinto.

Partindo para o que Peter Burke (2004) classifica como a análise iconológica, podemos recorrer ao que sabemos sobre a personalidade e/ou sobre o evento em questão para nos apoiar na interpretação de alguns elementos da fotografia.

Como centro de destaque da fotografia está Getúlio Vargas, que em 1930, encabeçou um processo conhecido como "Revolução de 1930", um movimento em que um dos elementos de maior ênfase foi a forte oposição ao resultado da eleição de 1930. Não vamos nos reter aqui a maiores discussões sobre esse evento, mas em linhas gerais, esse movimento dito "revolucionário" tinha por objetivo acabar com a alternância de poder entre candidatos à presidência de Minas Gerais e São Paulo, o que

ficou conhecido entre os historiadores brasileiros como "República do café com leite".

Primeiramente, Getúlio Vargas, um político conhecido por sua grande preocupação com sua imagem, é o único na fotografia a trajar um uniforme militar. Mais especificamente, ele não traja um uniforme do Exército Brasileiro, cujas forças, em grande medida, apoiaram o então presidente Washington Luís. Ele veste a farda Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, cuja grande maioria dos oficiais e subalternos, lhe devia obediência. Mais especificamente, ele veste o uniforme conhecido como "papo-roxo", utilizado pela Brigada Militar do Estado entre 1923 a 1946.



Por tratar-se de uma fotografia em preto e branco (Imagem 5), é impossível distinguirmos a cor do uniforme e mais especificamente, a cor da gola da camisa, que por ser roxa, apelidou carinhosamente a indumentária entre as tropas que a vestiam. Contudo, esse foi o uniforme utilizado por Getúlio Vargas, numa clara mensagem de que naquele momento, a Brigada Militar tinha mais autonomia política e força militar do que o Exército Brasileiro.

Na foto imediatamente acima, percebe-se que o cinto do uniforme é preso por um suspensório duplo, com o objetivo de dar mais sustentação ao peso que o militar irá carregar. Peso esse que engloba, entre outras coisas, sua arma lateral (pistola ou revólver), cantil, munição sobressalente das armas principal (rifle ou fuzil) e lateral. No uniforme de Getúlio Vargas, percebe-se apenas uma alça de suspensório, enviesada sobre seu ombro. Isso se explica pelo fato de Getúlio não trajar um uniforme de baixo escalão da Brigada Militar, e, portanto, seu equipamento padrão como oficial de mais alto posto ficava reduzido a uma arma lateral, sem o excesso de peso.

Do lado esquerdo de Getúlio (direito de quem olha a imagem) está uma dupla de homens que seguram uma bandeira. Nessa bandeira, há um lema que fala da paz. Essa “paz”, é claro, estava atrelada à época do fim do conflito, da deposição de Washington Luís, e do recebimento por parte de Getúlio Vargas, de sua junta governativa, encabeçada por Oswaldo Aranha, o governo da República.

Na mesma bandeira aparecem duas datas: 24 de Outubro de 1930 foi o dia em que tropas marcharam até o Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, cercando Washington Luís e seu ministério. Foi também o dia de um grande número de adesões ao movimento, por parte de integrantes da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Marcou também a capitulação das forças da Polícia Civil, e a libertação de grande número de prisioneiros políticos por parte da mesma.

A outra data, 31 de Outubro de 1930, marcou a chegada de Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro, onde em cerimônia no Palácio do Catete, receberia o governo da República de sua junta governativa, quatro dias mais tarde (03 de Novembro de 1930).

É interessante notar que um dos homens que segura essa bandeira, em uma das mãos, traz um microfone. É já bastante conhecida a importância do rádio como meio de comunicação. Tanto no Brasil, como fora dele surgiam a cada dia, novas organizações, que se transformavam em instituições, aumentando cada vez mais o alcance e o impacto das notícias através do rádio. (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 187).

Através da difusão radiofônica, o governo de Getúlio Vargas – já iniciado em 1930, e implantado em sua linha mais radical em 1937, com o conhecido Estado Novo - tinha como objetivo difundir a sua ideologia. Como já citado, o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), criado em 1931, mais tarde dará origem ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)³

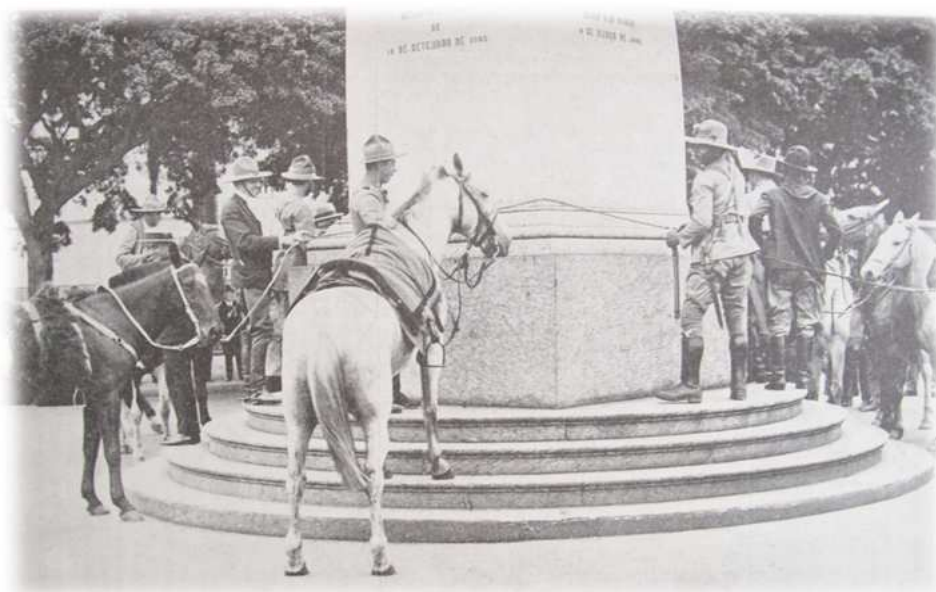
A propaganda que tinha o rádio como um de seus motores principais, levou também à criação, pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP), da Hora do Brasil, um programa transmitido diariamente por todas as emissoras de rádio, com duração de uma hora, que tinha como um dos objetivos principais; divulgar acontecimentos da nação. Bem mais tarde, já em 1938, o DNP iria proibir as transmissões radiofônicas em japonês, alemão e italiano. Essa informação, por si só, nos revela a importância do rádio no período.

As ações do DNP e posteriormente do DIP, não se restringiram ao uso da propaganda através do rádio. Havia também a preparação de pequenos filmes, que eram exibidos entre as sessões de cinema, com o objetivo de divulgar as ações de Getúlio Vargas. Em grande medida foi a força da propaganda do DIP – inclusive pelo rádio – que cunhou na nação brasileira, a imagem de Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”.

Não é o foco desse estudo, nos deter nas diversas formas propagandísticas utilizadas pelo governo de Vargas e por suas agências. Contudo salientamos essas informações para alicerçar uma proposição anterior nossa. A de que as fotografias – sobretudo esta que está sendo analisada – não são documentos isentos e imparciais. Elas não são, e nem poderiam ser, de fato. Nesse caso, estamos diante de um material produzido com o objetivo de cultivar a imagem de Getúlio Vargas como líder natural, e centralizar o máximo possível de aspectos da vida brasileira do período na figura desse líder.

Do lado direito de Getúlio (esquerda de quem olha a Imagem 4), está uma mulher que segura um ramalhete de flores brancas em sua mão. Seria a cor branca das flores, uma referência à “paz”, que agora parecia ser a tônica do novo governo? Seria também essa proposta de paz, uma referência à negação de anistia aos revolucionários por Washington Luís ao assumir a presidência em 1926, e que agora, assim como ditava a campanha política de Getúlio, seria adotada pelo novo governo?

Tanto o documento escrito quanto o imagético surgiram como “suportes da verdade”, como testemunhos, ou ainda, suportes de algum discurso, tenha ele com a intenção que tiver. Contudo, pela expressividade que tem a imagem, pela facilidade com que ela nos convence; com que ela capta nossos sentidos, uma imagem tem uma maior noção de “realidade”, mesmo que como alerta Joan Fontcuberta (2002), na cultura das mídias, os conceitos de falso e verdadeiro perderam muito de sua validade. As fotografias tendem, quase sempre, a transmitir algum tipo de conhecimento, uma noção particular de real, uma interpretação do mesmo, de forma mais explícita ou menos, e também de forma implícita (BARTHES, 1986).



Uma fotografia que se tornou “ícone” da “revolução” de 1930 foi tirada quando os revoltosos gaúchos amarraram seus cavalos ao obelisco que fica situado à Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro (Imagem 6).

O quê? Trata-se de uma fotografia em preto em branco, onde aparece ao centro, em segundo plano, um monumento, que fica localizado no topo de uma escada, o que já pode nos indicar sua importância. Nessa fotografia, especificamente, não podemos deduzir imediatamente o formato do monumento, pois não temos dele uma visão geral. Na frente desse monumento, está um homem que parece amarrar um cavalo branco ao monumento. Dos dois lados do monumento, estão outros cavalos, assim como outros homens.

Quase todos os personagens humanos que aparecem nessa fotografia trajam botas de cavalaria, e uniformes que lembram um modelo de uniforme militar. Além disso, o homem que está do lado direito do monumento (direito de quem olha), está com um sabre atado à cintura. Um dos homens, à esquerda da fotografia (esquerda de quem olha) traz um lenço branco amarrado ao pescoço. Ao fundo, podemos ver algumas árvores, dando a impressão de que a fotografia foi clicada em uma praça.

Quem? A autoria é desconhecida

Onde? Pelo que sabemos da "revolução" de 1930, trata-se de um obelisco localizado na Avenida Rio Branco, importante marco da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, dois dos degraus sobre os quais estava o monumento, desapareceram e deram lugar a outra plataforma, de formato diferente. Essa fotografia, em especial, muito divulgada como uma das imagens da "revolução" de 1930 está disponível no acervo do Museu da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre – RS.

Essa fotografia também está disponível na Revista do Globo Especial – A revolução de Outubro de 1930, na página 165. Contudo, na Revista do Globo, a mesma fotografia aparece publicada ao contrário! Ou seja, o cavalo branco localizado à frente do monumento, está do lado direito, e não esquerdo do mesmo. A única referência que nos deu o detalhe para saber qual o ângulo "correto" da fotografia, foi a inscrição no obelisco, que evidentemente, na fotografia inversa, também aparece ao contrário.

Quando? Ao que tudo indica, a data da fotografia pode ser localizada entre os dias 24 de Outubro de 1930, quando se dá a chegada do maior grupo de revolucionários ao Rio de Janeiro, e quando também ocorre o cerco ao Palácio da Guanabara, e 03 de Novembro, que é quando a Junta Governativa entrega o poder a Getúlio Vargas. Há alguns que questionam essa fotografia como uma encenação posterior, contudo não foi possível encontrar mais dados sobre essa questão.

Por quê? Pela centralização da foto, acredita tratar-se de mais uma fotografia de caráter oficial, onde se destacam elementos caros a dois grupos rivais: o obelisco e os cavalos. Na ocasião essa fotografia serviu como um grande elemento propagandístico, pois segundo algumas versões históricas (não aceitas por todos os pesquisadores no assunto), Getúlio Vargas havia prometido amarrar os cavalos dos revolucionários gaúchos no monumento da Avenida Rio Branco quando chegasse no Rio de Janeiro.

Tema: A fotografia possivelmente retrata o momento em que revolucionários gaúchos amarraram seus cavalos ao obelisco da Avenida Rio Branco. Um gesto simbólico que representou a tomada de poder por parte dos revolucionários, encabeçados, em grande medida, pelo Rio Grande do Sul.

Contextualização histórica: O obelisco, que fica localizado junto à Avenida Beira-Mar, servia como marco da Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco), e foi inaugurado em 14 de Novembro de 1906. É de autoria de Eduardo de Sá, e foi encomendado pela firma Januzzi & Irmão, para presentear a cidade, e comemorar a inauguração da avenida. O monumento tornou-se um símbolo da cidade do Rio de Janeiro, quando essa era a capital do Brasil, e muito mais do que isso se tornou um símbolo da República Velha; pois mesmo que nesse momento da política brasileira, o poder se alternava entre São Paulo e Minas Gerais, o Rio de Janeiro tinha grande relevância por ser a capital federal.

Toda escultura pública, com ênfase naquelas localizadas ao ar livre, tem uma função. Em grande medida, essa função engloba vários aspectos, como os de, “encarnar valores, fazer propaganda ideológica, e sobremaneira gerar polêmicas [...] é aquela, que se construída por ou para uma comunidade, age como um catalisador de anseios, histórias e lutas dessa população” (ALVES, 2004, p. 11).

Tendo isso em mente, é relativamente compreensível como foi simbólica a amarração dos cavalos naquele monumento na manhã de 1º de Novembro de 1930. O obelisco representava os anseios de desenvolvimento, uma vez que foi erigido para cumprimentar o governo de então pela velocidade e eficiência na construção da Avenida Central.

Essa fotografia, apesar de apresentar uma quantidade menor de elementos do que a fotografia já analisada de Getúlio Vargas no Palácio do Catete (Imagem 4) tem da mesma forma que a outra, uma grande carga simbólica. Nela, aparentemente há um monumento. Contudo, para os cavalarianos que ali estão, e talvez também para o fotógrafo, existem dois “monumentos” no enquadramento: um deles é o obelisco, e o outro é o próprio cavalo.

Muito já foi dito e discutido sobre a importância do cavalo para as lides campeiras no Rio Grande do Sul, e também sobre a forte relação da imagem do próprio gaúcho com o seu animal. O cavalo, mais do que representar a promessa de liberdade de ir e vir para o homem do campo; é seu parceiro de trabalho e lazer. A identificação do cavalo como parte da figura do gaúcho é evidente.

Portanto, amarrar os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro representava algo mais do que um mero suporte para os animais. Representava, além disso, a não identificação de pelo menos uma parcela da população brasileira – no caso, os

revoltosos - com o poder vigente do Rio de Janeiro, cujo obelisco da Avenida Rio Branco era apenas um dos seus muitos símbolos. Mais do que isso, até, esse ato representou a “desmistificação” do obelisco e do poder central. O obelisco serviria daquele momento em diante, como um mero palanque para amarrar os cavalos – símbolos gaúchos – e o Palácio do Catete seria a sede de um novo poder, iniciado por revoltosos de vários estados brasileiros, sendo o Rio Grande do Sul, em ufanistas palavras, “o pioneiro decisivo da grande cruzada da libertação nacional” (Revista do Globo Especial, 1931, p. 386).

Não é intenção desacreditar ou mesmo enaltecer a fotografia em questão, e sim analisá-la, apenas. Ela representa, assim como o monumento da Avenida Rio Branco, um símbolo de identificação dos gaúchos com o seu governo. Há muita controvérsia sobre essa fotografia: ela teria sido tirada “de surpresa”? O fotógrafo captou o momento espontâneo, de fato, ou pediu para que os cavalarianos posassem para a fotografia? Seja como for, ao enquadrar a paisagem (com os elementos que dela fazem parte) daquela forma, o fotógrafo tinha intenção demarcada; transmitiu um discurso, construiu um lugar de memória, a auto-representação de um grupo e para um grupo.

Algumas considerações “finais”

Sendo a “Revolução de 1930” um dos eventos de grande importância na História – e historiografia – brasileira, acredita-se que a utilização de técnicas e metodologias do uso e da análise da imagem venha apenas fornecer mais elementos para que tal tema – e seus desdobramentos – sejam melhor compreendidos, sobretudo quando se analisa as diferentes formas de representação que os diversos poderes em disputa naquele momento construíram, e pelos quais, em grande parte, se representaram.

Dessa forma, tentou-se trazer alguns elementos que possam contribuir com o quadro narrativo que compõe alguns episódios da “Revolução de 1930”, focando características da imagem pessoal de Getúlio Vargas, as representações do estado de caráter corporativista que se inicia em 1930, mas alcançará o auge durante o Estado Novo (1937-1945), e a estreita relação mantida entre esse poder e setores da Igreja Católica Romana – representada aqui pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Acredita-se que muitos dos elementos que foram influentes para a construção da imagem histórica de Getúlio Vargas, bem como a auto-imagem construída por setores da Igreja Católica Romana podem ser complementados através da críticas às fontes imagéticas produzidas pelos e sobre os mesmos – nesse caso, as fotografias.

A despeito de todas as dificuldades e “armadilhas” propostas pelas fotografias, há de se reconhecer a importância das fotografias como documentos históricos. Algumas, pela quantidade de signos, apresentam maiores possibilidades de leitura e informação do que outras. Foi possível verificar isso em fotografias aqui comentadas; algumas, quando “amarradas” ao contexto histórico, possibilitam maiores chaves de leitura do que outras.

As fotografias como um todo; são passíveis de análise, leitura e interpretação. É possível aplicar a elas estratégias semelhantes de verificação daquelas aplicadas a textos escritos. Ambas as fontes – fotografias e textos escritos – apresentam suas armadilhas, são carregados de significados e são, em grande medida, polissêmicos.

Dessa forma, desconsiderar um desses tipos documentais é desconsiderar suas potencialidades. A fotografia como documento histórico não é uma moda, nem um folclore, nem algo exaurido da História. Pode-se considerá-la um caminho novo e complementar de outros métodos de trabalho dos historiadores. Cada fonte documental exige um tipo de “leitura” para ser compreendida. Em busca de uma maior compreensão histórica, cabe aos historiadores melhor aprender a lê-los.

Referências Bibliográficas

- ALVES, José Francisco. A escultura pública de Porto Alegre. História, contexto e significado. Porto Alegre-RS: Artfolio, 2004. 240 p.
- BARTHES, Roland. “Reality effect”. In: BARTHES, Roland. The rustle of language. Oxford-Inglaterra: Blackwell, 1986.
- BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. Bauru-SP: EDUSC, 2004.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro – RS: Jorge Zahar, 2004.
- D’ARAÚJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). O Brasil Republicano 2 – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro – RS: Civilização Brasileira, 2001. p. 215-239
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas-SP: Papirus, 1993.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo-SP: HUCITEC, 1985.
- FONTCUBERTA, Joan. El beso de Judas – Fotografía y Verdad. Barcelona-Espanha: GG, 2002.
- KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 1999.
- O Exército na história do Brasil – Rio de Janeiro-RJ: Biblioteca do Exército Editora; Salvador-BA: Odebrecht, 1998. 3 Vol. 346 p.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2004.
- Revista do Globo – Edição Especial: revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1931.

Notas

1 Mestrando em História Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS tiagobru@gmail.com

2 Muitas das opiniões contrárias ao uso das fotografias como documento está baseada em sua autenticidade, em sua pluralidade de significados, o que a torna um documento árduo de ser trabalhado. Não queremos dizer aqui que ela “é” ou “não é” confiável, mas que acreditamos, assim como Peter Burke (2004), que as imagens podem apresentar diferentes graus ou formas de profundidade de análise, de acordo com a quantidade de signos disponíveis. BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

3 Convém frisar que a criação do DIP não foi uma “sequência” do DOP. A criação do DIP foi precedida, no tocante à divulgação das iniciativas governamentais, por três outros órgãos — o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) — que se sucederam a partir de 1931. Contudo, nenhum deles, por suas esferas de atuação, teve um grau de autonomia e influência como teria o DIP mais tarde.